Investigando caminhos de visibilidade e ascensão social no perfil @ruanjuliet[1]

Carla Barros[2]

Bráulio Vasconcelos [3]

Resumo

O artigo se propõe a compreender de que modo o perfil do influenciador digital de periferia Ruan Juliet, morador da favela da Rocinha na cidade do Rio de Janeiro, revela construções identitárias que articulam questões ligadas à visibilidade e à ascensão social em um fluxo de mediação cultural. Através de pesquisa de cunho etnográfico (HINE, 2015), procura-se analisar de que modo o influenciador constrói sua trajetória *online* enfatizando o território de origem e como lida com enfrentamentos de classe. Entre os resultados, nota-se a ruptura do padrão de trajetória de vida em relação às gerações anteriores, com sinais de ascensão social, bem como o papel do influenciador na procura por afirmação positiva do território de origem junto a segmentos sociais economicamente favorecidos.

Palavras-chave

Influenciadores digitais; visibilidade; ascensão social; periferia

O artigo tem como objetivo pricipal compreender de que modo o perfil do influenciador digital de periferia Ruan Juliet revela construções identitárias que articulam questões ligadas e visibilidade e ascensão social em um fluxo de mediação cultural. Através de pesquisa de cunho etnográfico (HINE, 2015), procura-se analisar de que modo o influenciador constrói sua trajetória *online* enfatizando o território de origem e como lida com enfrentementos de classe.

O artigo trabalha a partir de 2 eixos, a saber: mediação cultural e mobilidade social. Em relação ao primeiro deles, Velho e Kuschnir (2001) abordam o fenômeno da mediação cultural enfatizando

[1] Trabalho apresentado no Painel Temático 5 - Diversidade, desigualdades e vulnerabilidade do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

[2] Doutora, Universidade Federal Fluminense (UFF), cbarros@id.uff,br

[3] Braulio Vasconcelos, Graduando de Estudos de Mídia, Universidade Federal Fluminense (UFF), bvasconcelos@id.uff.br.

que os indivíduos imersos no meio urbano estão expostos a uma grande diversidade de experiências, por circularem através de universos com valores e visões de mundo distintas e, às vezes, conflitantes, em que relações de poder também atuam:

> A vida social só existe através das diferenças. São elas que, a partir da interação como processo universal, produzem e possibilitam as trocas, a comunicação e o intercâmbio. O estudo da mediação e, especificamente, dos mediadores permite constatar como se dão as interações entre categorias sociais e níveis culturais distintos. [...] Num contínuo processo de negociação da realidade, escolhas são feitas, tendo como referências sistemas simbólicos, crenças e valores, em torno de interesses e objetivos materiais dos mais variados tipos. A mediação é uma ação social permanente, nem sempre óbvia, que está presente nos mais variados níveis e processos interativos"(VELHO e KUSCHNIR, 2001, p. 9-10)

Alguns indivíduos transitando por diferentes dimensões sociais podem tornar-se mediadores entre visões de mundo, estilos de vida e experiências sociais distintas. Nestes processos, regras, hábitos, gostos, estéticas e comportamentos são confrontados, em um espaço de constante negociação da realidade, onde cabe investigar até que ponto o influenciador atua como mediador cultural, promovendo a troca de informações entre sistemas simbólicos, valores e modos de vida.

Como sugere Vidal (2003), certas identificações com modelos de grupos sociais privilegiados atestam a busca de uma uniformidade simbólica, marcando a semelhança de todos acima das desigualdades econômicas. O trânsito entre dois mundos evidenciado no papel de mediador cultural, que como agente de mudança quer apresentar novos modos de vida, mostra como microprocessos de deslocamento de valores podem reconfigurar dinâmicas identitárias.

Em termos de processos de subjetivação, o caso analisado está relacionado a um contexto *online* de realismo identitário (RAMOS, 2015), onde existe a expectativa de uma correspondência entre identidade dentro e fora da rede, o que faz com que as relações entre indivíduos transitem entre os dois domínios (RAMOS, 2015, p. 66). A identidade *offline* não é mais "autêntica" que a *online*, tratando-se apenas de contextos que podem existir de modo mais ou menos convergente, de acordo com a situação em questão. Como já indicaram Miller e Slater (2004), não tem sentido se fazer

uma distinção prévia entre *online* e *offline*, nem do ponto de vista metodológico, nem do analítico. A relação entre os dois domínios deve ser explorada em situações específicas, observando quando e como tal distinção faz sentido, e de que modo se integram.

O segundo eixo refere-se ao tema da mobilidade social. O "sair do lugar" tem no consumo um importante elemento sinalizador de mudanças em curso, devido a seu caráter classificatório e totêmico (SAHLINS, 1979) que aproxima, separa e realoca sujeitos na estrutura social. Macedo (2020), por sua vez, analisa a questão da mobilidade no ambiente universitário, no contexto de estudantes oriundas de famílias de baixa renda que formavam a primeira geração com acesso ao ensino superior. Seu estudo revelou que as percepções de classe são negociadas cotidianamente, dependendo de quem fala, de onde se fala, e a que imaginário de mobilidade se aspira. A realização de ascender socialmente a partir da educação universitária não se referia apenas ao alcance de uma melhor remuneração, mas também à possibilidade de escapar da situação de "não escolha", presente nos empregos precários das gerações anteriores de familiares.

A complexidade do tema "mobilidade social" sugere uma modulação do termo para o plural. Melhor falar, assim, de "mobilidades sociais", que podem ser múltiplas e complexas, ultrapassando aspectos como aumento de renda de um determinado grupo social e/ou de melhora de moradia. Existem fronteiras simbólicas, modos de sentir, percepção de potencialidades e agenciamentos, ampliações de capital social, adesão a novos habitus, entre outros aspectos importantes presentes na trajetória do sujeito analisado.

Trata-se, por fim, da ideia de mobilidades como:

> ...transformações críticas na relação da pessoa com sua trama relacional atribuída que possam implicar uma mudança mais ou menos estável de estilo de vida, de auto-imagem, de formulação de projetos individuais (ou relativos à família nuclear) e de assunção de uma visão de mundo igualitarista (DUARTE E GOMES, p. 242).

A pesquisa se debruça sobre a trajetória do ingluenciador Ruan Juliet, que evidencia a importância do lugar de origem de Ruan Juliet para a produção de seu conteúdo digital, ao levar a Favela da Rocinha para um amplo espaço de visibilidade como a Internet, onde circulam muitas pessoas que

nunca tiveram contato com a vivência de alguém que reside naquele ambiente. As favelas, enquanto territórios bem delimitados, facilmente identificáveis e altamente estigmatizados, são comumente representadas como regiões (i)morais e anômicas na "cartografia imaginária dos citadinos" (AGIER, 2011, p.67). Com a atuação de Ruan Juliet nas mídias sociais, existe um esforço de quebra nesse (pré)conceito, ao apresentar para grupos de outros segmentos sociais o cotidiano da comunidade onde vive.

O trabalho pretende contribuir para a expansão do conhecimento científico através da apresentação de uma visão mais integrada do fenômeno dos usos de mídias sociais em grupos de classes populares e suas possíveis articulações com trajetórias de mobilidade social. A questão da desigualdade social é uma das mais importantes no elenco de questões desafiadoras no processo de desenvolvimento do país, mobilizando pesquisadores, gestores de políticas públicas e inciativas de ONGs.

Uma perspectiva que se debruce sobre o entendimento do que acontece de fato na relação entre grupos de jovens e suas apropriações de tecnologias digitais – fugindo de uma visão restrita à "exclusão" – pode ajudar no enfrentamento dos desafios educacionais e na superação das barreiras à mobilidade social no país. O artigo pretende, portanto, estimular o debate acerca de novos processos de reprodução social e simbólica e novas dinâmicas identitárias analisando um possível desmonte ou deslocamento de hierarquias historicamente consagradas.

Referências

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CASTRO, Ana Lúcia de. Sentidos do consumo e fronteiras simbólicas: uma etnografia entre grupos de baixa renda em um município da Grande São Paulo, Brasil. **Etnográfica. Revista**

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **The world of goods***:* Towards an anthropology of consumption. Middlesex: Penguin, 1979.

DUARTE, Luiz Fernando D.; GOMES, Edlaine. **Três famílias**: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: embodied, embedded and everyday. London, UK: Bloomsbury Publishing, 2015.

MACEDO, Renata Mourão. "*Agora quer ser rica?*": negociações cotidianas sobre classe e mobilidade social entre estudantes universitárias. **Revista Antropolítica**, n. 50, Niterói, p. 197-223, 3. quadri., 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/42062. Acesso em: 8 jul. 2024.

MILLER, Daniel. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço: da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência**: Revista de Antropologia, n. 45, p. 57-76, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251. Acesso em 18 jul. 2016.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (orgs.). ***Mediação, Cultura e Política***. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VIDAL, Dominique. A linguagem do respeito. A experiência brasileira e o sentido da cidadania nas democracias modernas. **Dados**, vol.46, nº.2, p.265-287, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/dados/a/4s9Mt3RnDhThxHVxZLrDy4j/?lang=pt Acesso em: 26 abr. 2006.